

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

CHRISTINE LAURENT, IN MEMORIAM

22 de Março de 2023

LA BANDE DES QUATRE / 1988

O BANDO DAS QUATRO

um filme de JACQUES RIVETTE

Realização: Jacques Rivette *Argumento:* Pascal Bonitzer, Christine Laurent, Jacques Rivette *Diálogos:* Pascal Bonitzer, Christine Laurent *Fotografia* (35 mm, cor e preto-e-branco): Caroline Champetier *Montagem:* Catherine Quesemard *Som:* Florian Eidenbenz, Bernard Le Roux *Direcção Artística:* Emmanuel de Chauvigny *Guarda-roupa:* Laurence Struz *Excerto do filme:* UN JEU BRUTAL (Jean-Claude Brisseau, 1983) *Interpretação:* Bulle Ogier (Constance Dumas), Benoît Regent (Thomas), Fejria Deliba (Anna), Laurence Côte (Claude), Fejria Deliba (Anna), Bernadette Giraud (Joyce), Inês de Medeiros (Lucia), Nathalie Richard (Cécile), Pascale Salkin (Corinne), Dominique Rousseau (Pauline), Agnès Sourdillion (Jeanne), Irina Dalle (Esther), Caroline Gasser (Raphaëlle), Irène Jacob (Marine), Florence Lannuzel (Louise), Françoise Muxel (Valérie), Karine Bayard (Sophie), Marucha Bo (uma convidada), Jean Le Scouarnec (o fotógrafo), Albert Dupontel (um “falso” bandido), Michel Vuillermoz (o cúmplice), Christian Lambert (Antoine Lucas), Sophie Niedergang.

Produção: Pierre Grise Productions (França, Suíça, 1988) *Produtor:* Martine Marnigac *Estreia Mundial:* Fevereiro de 1989, no Festival Internacional de Cinema de Berlim *Estreia em Portugal:* 22 de Fevereiro de 1990, no Fórum Picoas (Lisboa) *Cópia:* digital, cor e preto-e-branco, legendada electronicamente em português, 160 minutos.

Preâmbulo

LA BANDE DES QUATRE é apresentado em homenagem a Christine Laurent (1944-2023) a título de exemplo, neste pequeno ciclo de filmes, do seu relevante trabalho de colaboração com Jacques Rivette ao longo de décadas, especialmente como argumentista e dialoguista. Mostramo-lo em substituição do inicialmente programado *36 vues du pic Saint-Loup* (Jacques Rivette, 2009), em que Christine Laurent é igualmente creditada como co-autora do argumento.

Totalmente inscrito no universo temático e formal de Jacques Rivette, LA BANDE DES QUATRE reenvia-nos para a velha máxima renoiriana, revisitada a cada filme de Rivette, segundo a qual as razões de cada um são múltiplas e entre si não exclusivas. Também nos devolve ao teatro concentrando parte da sua acção numa sala de teatro que é uma escola de actrizes onde se ensaia uma peça de Marivaux (*La Double inconstance*), mas também ao cenário rivettiano por excelência do grande casarão habitado por uma trupe de personagens. São curiosamente cinco, o bando das quatro deste filme: as quatro raparigas que moram na casa (Anna, Joyce, Claude, Lucia) mais a que aí morou e a abandona no princípio da acção (Cécile). Entre elas circula o homem que procura a chave que supostamente conduz ao segredo – imagem literalmente tomada pela narrativa – (Thomas, que também responde por outros nomes) e sobre elas paira a figura tutelar da professora da escola de actrizes, Bulle Ogier no seu sexto filme com Rivette (Constance Dumas) e – ponto consensual a propósito deste filme – em simbólica passagem de testemunho a uma nova geração de actrizes.

Entre HURLEVENT e LA BELLE NOISEUSE, que, em 1991, fez Emmanuelle Béart entrar no “bando rivette” a que voltaria para HISTOIRE DE MARIE ET JULIE tornando-se actriz dilecta na fase pós-Bulle Ogier, lugar que Jeanne Balibar ocupa igualmente (VA SAVOIR, NE TOUCHEZ PAS LA HACHE), LA BANDE DES QUATRE é um filme de passagem na obra do realizador francês. A nota de divulgação sobre o filme diz bem: “é um filme que faz a ponte entre o Rivette austero e ‘ensaístico’ dos anos 1970 e 80, e o dos anos 90, um pouco mais claro e mais fluidamente narrativo (algo a que não será alheio o par de argumentistas formado por Pascal Bonitzer e Christine Laurent, doravante colaboradores regulares de Rivette)”. Os segredos, mistérios e complots aqui estão, tanto participando do espírito de cada personagem como do enredo em que elas estão envolvidas e com elas se constrói. Este é por sua vez estruturado a partir da ideia tanto de oposição como de complementaridade entre o teatro e a casa, a reflexão sobre a essência da representação e os passos quotidianos, que decorre sob o espectro de uma teia policial. Mas a figura do filme não é propriamente binária e podemos concordar com Gilles Deleuze que a propósito de LA BANDE DES QUATRE escreveu sobre a concentricidade, “os três círculos de Rivette”. Um dos dados

do cinema de Rivette, presente em LA BANDE DES QUATRE, é a simultaneidade. As diferentes esferas, os vários fios da teia, existem em simultâneo e só assim podem ser percebidos. Não há outra maneira no mundo de Rivette.

Dentro dessa lógica, falemos ainda assim de centros. No (des)centro de LA BANDE DES QUATRE, mas sem que se assuma como protagonista titular e para dele se afastar antes do desfecho, está Constance Dumas como os escritores, provavelmente como Alexandre, porque é fácil que o bando das quatro que são afinal cinco traga à ideia os três mosqueteiros que eram efectivamente quatro. “É o segredo de LA BANDE DES QUATRE” como escreveu Marc Chevie no texto publicado no catálogo *Jacques Rivette: O Segredo por Trás do Segredo* (“Suplemento às Viagens de J.R.”, ed. Cinemateca, 2008) referindo-se a ela como uma personagem opaca que tem de ser procurada no seu fora de campo. Constance Dumas é Bulle Ogier e ela ocupa, tutelar, a dimensão teatral do filme, sempre elegante e discretamente vestida de preto e branco, sempre e só no espaço do teatro onde formou a sua escola de atrizes e onde vive, à margem da história que se desenrola sem ela até a apanhar, o que, quando acontece, é para a retirar de cena. E como Chevie nota, o desaparecimento de Constance Dumas/Bulle Ogier do filme acontece pela mão de um dos argumentistas, Pascal Bonitzer, a encarnar o pequeno papel do inspector de polícia que irrompe teatro dentro para a deter e levar dali para fora. Ela, qual guardiã de um forte bem resguardado, esconderia o fugitivo que é o cavaleiro, o amante de Cécile, o escroque procurado por Thomas. Mas contribuindo para o aclarar do mistério pessoal da sua personagem e para o encaixe das peças do puzzle narrativo, este dado é em si mesmo menos importante do que o facto de servir a retirada de cena de Constance/Bulle Ogier.

Ela, que dá lições sobre a arte de representar forçando as discípulas ao confronto com a resistência do texto, e, por outro lado, com as suas próprias fragilidades (“a demolição e a dúvida”), existe no espaço daquele teatro, detentora de um segredo que é dela. A sua “missão” é a de fazê-las entender e sentir o que é exprimir sentimentos com palavras alheias (é mais ou menos assim que isto é posto na sua voz), fazer dos ensaios um ritual de incessante procura. “*Le sens du secret je ne peut pas l’avoir pour vous*”, diz ela. E no fim, quando é levada, pede às discípulas que continuem sem ela, “*je ne serais pas toujours là*”). Não estará sempre aqui, protagonista do mundo de Rivette. Foi aliás aqui que o deixou: depois de L’AMOUR FOU, OUT 1/SPECTRE, CÉLINE ET JULIE VONT EN BATEAU, DUELLE, LE PONT DU NORD, o seu rasto só foi retomado por Rivette no papel da confidente e sábia tia da Duquesa de Jeanne Balibar em NE TOUCHEZ PAS LA HACHE. O plano em que Constance Dumas se despede das alunas é também o plano em que a atriz se despede das suas jovens co-protagonistas e lhes pede que continuem sem ela. O que, não sem algum sentido de perda de orientação, elas fazem, prosseguindo os ensaios da peça de Marivaux.

Entretanto, na casa das raparigas, Thomas prossegue as investidas junto delas, uma a uma, à procura do que não encontra. Ao contrário do sentido de fechamento, desde logo arquitectónico, e da cor predominantemente vermelha do teatro, filmado com frequentes panorâmicas e travellings, a casa é aberta ao exterior e permite uma série de comunicações entre os seus vários espaços interiores, tem outros tons e é um cenário filmado em planos fixos (mesmo quando as raparigas parodiam, em casa, uma representação que mima os acontecimentos que decorrem à distância em tribunal). Contraponto da representação (e intemporalidade) que marca(m) o espaço do teatro, é o naturalismo do quotidiano que reina no espaço da casa onde Thomas será morto, à terceira. Nessa casa onde uma das raparigas, Claude, adverte não haver lugar para segredos (uma das cenas de pequeno-almoço depois da chegada de Lucia) e onde cada uma tem os seus (a gravidez de Joyce, os amores de Claude, a família portuguesa de Lucia, a irmã desaparecida de Anna que afinal se chama Laura) é também a casa onde se guarda a chave do segredo (da cumplicidade de Cécile e do seu amante, pelo menos). Esta é descoberta por Lucia (Inês de Medeiros), a mais simultaneamente solar e lunar das raparigas – outra das simultaneidades exímias de Rivette – na mais fantasmagórica das cenas – o termo é este (mesmo que eles possam ser meros roedores nocturnos). E é a fantasmas antigos que se apela em noite de lua brilhante e, curiosidade a apontar, por palavras em português, “A noite, a lua, as árvores, o vento. A noite é menina mas não quer bailar.” LA BANDE DES QUATRE não será de facto, muito simplesmente, como se escreveu, um filme em que se experimenta “deixar uma trupe de atrizes no meio da ficção, como no meio de uma floresta”? Se sim, há que segui-las, encontrar o caminho.